

A EXPERIÊNCIA DA MOEDA SOCIAL “LA TURUTA” – CATALUNHA: UMA ANÁLISE DE SEU CIRCUITO E DE SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL¹

Henrique Pavan Beiro de Souza - UFABC

hpbsouza@gmail.com

UFABC/CAPES²

GT 9 – Finanças solidárias, comércio justo e responsável

Resumo:

A moeda social *La turuta* é uma das experiências de finanças solidárias mais destacadas da região da Catalunha e da Espanha como um todo. A experiência conta hoje com 367 associados, sendo 39 ofertantes profissionais. Neste trabalho descrevemos o seu circuito, que se inicia a partir da criação da massa monetária em projetos de plantio em terras públicas recuperadas e apropriadas pela comunidade e outros empreendimentos comunitários da cidade de Vila Nova i la Geltrú. Neste particular, pudemos notar que o fluxo monetário é reduzido, já que cobre uma pequena gama de transações e de produtos. Ao mesmo tempo, houve pouco estímulo à produção e à diversificação das atividades locais, denotando um baixo impacto na economia da cidade. Por outro lado, vimos que a moeda local propiciou uma maior interação entre as pessoas, impulsionando a criação de algumas dimensões de capital social.

¹ Este artigo é oriundo de um dos cinco estudos de caso explorados pelo autor em sua recém defendida tese de doutorado no programa de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC. Este caso foi escolhido para o II CONPES pelo fato de se tratar de uma experiência com propostas inovadoras tanto no campo ambiental como em seus aspectos solidários.

² Bolsista da Capes/Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior/ Processo nº 88881.133156/2016-01.

1. Introdução

A moeda social *La Turuta* é parte de um projeto que propõe criar um sistema de intercâmbio socialmente justo e ecologicamente sustentável na cidade de Vilanova i la Geltrú na Catalunha.

Descontentes com o processo de globalização produtiva e financeira que deslocou parte das cadeias produtivas ao redor do mundo, os membros iniciadores do projeto criaram a moeda social com o intuito de promoverem maior resiliência econômica na cidade. Vilanova i la Geltrú é um município pequeno, de cerca de 66 mil habitantes, localizado na região metropolitana de Barcelona, cidade onde boa parte de seus moradores trabalha, perfazendo um caminho pendular diário de aproximadamente 90 minutos, considerando ida e volta. Portanto, o fato de a moeda *La Turuta* ter como um dos objetivos o aproveitamento de capacidades ociosas locais – sendo aceita por alguns estabelecimentos comerciais da cidade - lhe dá um caráter complementar e não necessariamente antissistêmico.

Entretanto, vale mencionar que o projeto da moeda social insere-se em um movimento mais amplo que, além de regenerar parte da economia local, pretende colaborar para a transição de uma sociedade mais justa, solidária, sustentável e onde a saúde e o bem-viver são pilares fundamentais.

Neste particular, sua história remonta à criação do movimento *Transició VNG*³ em 2009, que encampa as diretrizes mencionadas no parágrafo anterior. Já em 2010, as primeiras 720 turutas (equivalentes a 720 euros) circulam em um universo de 22 associados e 31 intercâmbios. Para dar apoio jurídico a todo o projeto, em 2011 é criada a associação ECOL3VNG (ecossistemas, econômico, ecológico local e Vilanova i la Geltrú) que passa a ser o local de gestão e organização em que ocorrem as assembleias que decidem pelos destinos do projeto.

Ao longo deste artigo, veremos em maiores detalhes o funcionamento da moeda *La Turuta*, mas por ora cabe adiantar alguns de seus funcionamentos mais gerais: cada turuta equivale a um euro e sua criação está ligada à efetivação de projetos de recuperação de terras urbanas para a plantação de hortas comunitárias. Assim sendo, trata-se de uma moeda complementar mas com caráter social que procura incentivar os moradores da cidade a valorizarem as capacidades locais e a refletirem sobre produção orgânica e desenvolvimento sustentável.

³ <http://transiciovng.blogspot.com/>

Assim sendo, pedimos licença ao leitor para que inserimos a seguir algumas discussões teóricas que baseiam nossa análise antes de voltarmos aos dados específicos da moeda *La Turuta*. Na seção seguinte, discorreremos sobre a teoria do circuito monetário, esposada por alguns economistas pós-keynesianos. Tal teoria postula que a moeda é criada endogenamente na economia, sendo uma tecnologia social criada nas relações de crédito e débito. Em outras palavras, a moeda não é uma mercadoria e, sim, uma unidade de conta para contabilizar dívidas derivadas do próprio processo econômico. Neste sentido, apoiamos também nas ideias monetárias de Schumpeter que enfatiza o fato de a moeda ser um numerário geral que permite a realização das trocas e a contabilização do produto social. Entendemos que, para as moedas sociais⁴, este tipo de abordagem é salutar, dado que elas são veículos sociais claramente endógenos, isto é, criados no seio dos grupos que as amparam.

Na seção 3, observaremos alguns aportes teóricos que enxergam os circuitos para além do fluxo circular monetário da economia. Neste caso, sustentamos nossa visão nas análises de Viviana Zelizer para quem os circuitos comerciais são entidades que unem pessoas com valores e propósitos comuns. Desta feita, as moedas sociais teriam um propósito mais social que econômico, qual seja, o de integrar pessoas e de possibilitar maiores interações sociais. Em nossa visão, o conceito de capital social também presta boas opções de análise neste sentido.

Na seção 4, analisaremos a moeda *La Turuta* tendo como a base as contribuições dos economistas circuitistas. Neste particular, nossa preocupação é tanto quantitativa como qualitativa. Analisaremos, tanto o tamanho do circuito (em termos de volume de massa monetária, transações, comércios e atividades econômicas) como o caminho da moeda (se ela circula regularmente e se impacta positivamente na economia local. Já na seção 5, verificaremos se a moeda social se constitui de fato num circuito de pessoas com valores comuns, com geração de empoderamento individual comunitário e de capital social.

Por fim, na seção 6, faremos nossas observações finais, apontando potencialidades e limites da análise e, possivelmente, indicando caminhos futuros para a pesquisa nesta área.

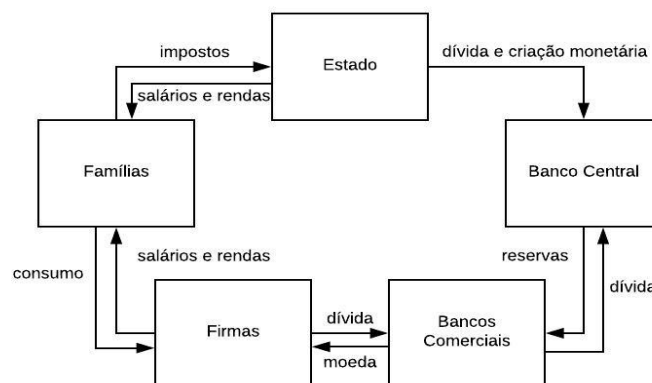
⁴ Creio que aqui cabe uma brevíssima explicação sobre o termo. De acordo com Soares (2009, p. 255), “moeda social é uma forma de moeda paralela instituída e administrada por seus próprios usuários, logo, sua emissão é originada na esfera privada da economia. Entre ela e a moeda nacional não há qualquer vínculo obrigatório, e sua circulação baseia-se na confiança mútua dos usuários, participantes de um grupo circunscrito por adesão voluntária.” Assim sendo, tratam-se de moedas eminentemente instituídas nos territórios e relações sociais em que circulam, geralmente contando com uma boa base de confiança e solidariedade em seu substrato.

2. Endogenia monetária e fluxo moeda-crédito: algumas ideias sobre o circuito monetário

Os adeptos da teoria do circuito monetário sustentam que a moeda representa essencialmente uma relação de dívida, criada no momento em que empresas tomam empréstimos dos bancos para iniciar seu ciclo de produção. Aquelas, por sua vez, compram os insumos que, no agregado, correspondem ao total de salários pagos. Então temos a transferência do fluxo monetário para os trabalhadores. Uma vez que o serviço dos trabalhadores foi adquirido, as firmas produzem bens e os distribuem no mercado, sendo o preço definido pelo seu grau de mark-up. Estes bens, por sua vez serão consumidos pelos trabalhadores, que reembolsam as firmas, as quais pagam suas dívidas com os bancos. Se a propensão marginal a consumir for menor que um, parte da poupança dos consumidores é canalizada para o mercado financeiro, que vai financiar as firmas e bancos de qualquer maneira. Assim se fecha o circuito (REALFONZO, 2006).

Abaixo podemos ver um organograma que representa de maneira esquemática o funcionamento do circuito monetário, contendo também o papel do Estado.

Figura 1- Circuito monetário e a cadeia de créditos e débitos



Fonte: Elaboração própria a partir de Rochon, 2003, p. 124.

Importante, portanto, ressaltar que a moeda aqui é vista como uma criação endógena da economia ou como Rochon (2003, p. 117) afirma: “money flows from debt because economic agents are willing to enter into a debt relationship ...” Resulta disso que sua função principal é a de ser uma unidade de conta definida pelo Estado (WRAY, 2004; INGHAM, 2004).

De acordo com Graziani (2013, pp. 17-18), os teóricos do circuito monetário deslocam o centro da análise sobre moeda da preferência pela liquidez para o fluxo circular da moeda.

Isto significa que outras teorias – como a pós-keynesiana, ao analisar a demanda por moeda, perguntam sobre suas motivações e possíveis flutuações. Ao analisar a oferta monetária, a teoria muitas vezes considera o estoque de dinheiro como resultado de decisões independentes tomadas pelas autoridades monetárias. Já os teóricos do circuito concentram sua análise na cadeia de débitos/créditos, começando com a criação inicial de meios líquidos, continuando para as utilizações sucessivas da moeda no mercado, e terminando com sua destruição final. O próprio termo "circuito monetário" revela a origem do fato de que a teoria examina o ciclo de vida completo do dinheiro, de sua criação pelo sistema bancário, através da sua circulação no mercado, a ser reembolsado aos bancos e sua consequente destruição. Daí a preferência por liquidez ser o resíduo do circuito e não a causa inicial das flutuações monetárias e, portanto, do nível de demanda efetiva. A manutenção de saldos ociosos pode significar muito mais do que preferência por liquidez: ao contrário, uma deficiência no fluxo circular de mercadorias com a ausência de bens e serviços disponíveis ou de oportunidades de investimento.

Em suma, Graziani afirma que:

A complete theoretical analysis has to explain the whole itinerary followed by money, starting with the moment credit is granted, going through the circulation of money in the market, and reaching the final repayment of the initial bank loan. Money being created by the banking sector and being extinguished when it goes back to the same sector, its existence and operation can be described as a circuit (GRAZIANI, 2013, p. 26).

Enquanto a criação de moeda, para autores de vertente pós-keynesiana e circuitistas, é explicada como sendo derivada da demanda por investimentos e, portanto, por dinheiro-crédito, para Schumpeter (2014), na vida estática do fluxo circular, ela é decorrente da própria necessidade da moeda de conta para a contabilização do resultado econômico.

Em outras palavras, cada modelo do fluxo circular da vida econômica pressupõe, portanto, dois grupos de transações em que, por um lado, os meios de produção (ou "fatores de produção") são transformados em bens de consumo e, por outro, os bens de consumo são transformados em meios de produção. De acordo com Mann (2014), o fluxo circular, que ocorre também na comunidade socialista, só pode ser racionalizado, quando o escritório central socialista registra as contas. Ou seja, é necessária uma compilação de dados relevante

que estabeleça uma unidade de conta correspondente a todo tipo de bem – e suas quantidades – transacionado.

O exemplo do modelo socialista é esclarecedor no sentido de que o há um fechamento do círculo, uma identidade final entre créditos e débitos se assim se queira chamar. De qualquer maneira, Mann (ibid) em sua interpretação das ideias de Schumpeter deixa claro que o fluxo circular da vida econômica só é possível com a liquidação contínua de contas. Assim, cada elemento da vida econômica da comunidade resume-se a um número, um registro matemático, o que coloca a função unidade de conta como central na teoria de moeda schumpeteriana. Mais que isso, a organicidade ou imbricação da moeda no sistema econômico se mostra clara.

A posição de Schumpeter (MANN, 2014), a nosso ver, coloca o papel da moeda em uma situação intermediária entre os defensores da ideia de moeda-mercadoria e aqueles como Ingham (2004) ou Knapp ([1924]1973) que afirmam sê-la a medida das coisas, atributo este garantido pela sociedade ou pela lei. Isto porque se, no modelo schumpeteriano, a moeda pode ser vista como um *token* simbolizando um reclame sobre os bens existentes na economia, ela tampouco tem que ser necessariamente uma mercadoria ou assumir uma forma material. Se a sociedade – ou o mercado – já tem por pressupostos os preços relativos entre as mercadorias, ela precisa de um número que matematicamente simbolize esta relação. Ou seja, assim, a moeda não possui nem valor de uso nem valor de troca, não mais que um bilhete de teatro cujo “valor de troca” se reflete no assento a ele correspondente (MANN, 2014).

Indo adiante, este número é o laço que une a economia. Ele é representação absoluta num sistema no qual, de outro modo, os preços só se manifestariam em termos de um bem para outra, isto é de maneira relativa. De modo que o dinheiro se autonomiza e de certa forma se impõe: “The money tie follows its own law and forces the implementation thereof: it causes all prices to adjust to it through actual or potential changes. In this manner, with the help of the “critical number” and the “money tie,” absolute prices arise” (MANN, 2014, p. 22).

Assim sendo, o numerário crítico teria o poder de encadear a economia, de ser o laço de um circuito de decisões de produção e de consumo. Para fins de análise, tão mais poderoso é o circuito econômico/monetário quanto maior for a penetração deste numerário. Quanto mais ele encadear as diversas unidades produtoras e consumidoras e servir como referência de preços, maior será o grau de efetivação do circuito. O que significa também uma

diversidade de produtos e serviços sendo ofertados e demandados ou o fluxo circular da vida econômica potencializado de fato.

Com adaptações, o que se pretende aqui é realizar a descrição proposta por Graziani – com apoio do conceitual schumpeteriano - do circuito monetário, aplicando-a à moeda *La Turuta*. Tais adaptações devem levar em conta seu processo de criação, circulação e destruição. Isto significa, relativizar a existência da relação firmas-bancos existente no sistema capitalista convencional e introduzir novos agentes que fazem estes papéis nos circuitos locais.

Contudo, faz-se necessário buscar fundamentos para além dos das teorias de circuito estritamente monetárias. Na próxima seção, analisaremos a ideia de circuito na visão da socióloga Vivivana Zelizer.

3. A visão de Zelizer sobre os circuitos comerciais

O que define um circuito comercial de acordo com Zelizer (2011) são: (a) relações sociais características entre indivíduos específicos; (b) atividades econômicas compartilhadas exercidas por meio dessas relações sociais; (c) criação de sistemas contábeis comuns para avaliar intercâmbios econômicos, por exemplo, formas especiais de moeda; (d) entendimentos compartilhados sobre o significado das transações dentro do circuito, incluindo sua avaliação moral; e (e) um limite ou fronteira que separa os membros do circuito de não membros, com algum controle sobre as transações que cruzam o limite.

É importante definir que tais circuitos são permeados de relações íntimas e impessoais ao mesmo tempo. As primeiras se baseiam em informações privadas, no compartilhamento de conhecimento tácito acompanhado por relações de atenção. As últimas carregam apenas informação e atenção disponíveis de maneira abrangente. Isto implica que circuitos que contenham maior carga de relações íntimas sejam de menor escopo e de difícil sustentação em níveis maiores de organização, isto é, com um número maior de trocas e interações. É neste sentido que a estrutura institucional é importante para a criação, manutenção e organização dos circuitos (ZELIZER, 2011, p. 315).

By definition, every circuit involves a network, a bounded set of relations among social sites. *Circuit*, however, is neither simply a fancy new name for *network* nor a sanitized version of *community*. Two features distinguish circuits from networks as usually conceived. First, they consist of dynamic, meaningful, incessantly negotiated interactions among the sites—be those sites individuals, households, organizations, or other social entities. Second, in addition to dynamic relations, they include distinctive media

(for example, legal tender or localized tokens) and an array of organized, differentiated transfers (for example, gifts or compensation) between sites. Commercial circuits also differ from communities as conceived of in the *Gemeinschaft-Gesellschaft* tradition. They do not consist of spatially and socially segregated rounds of life; although circuits sometimes exist *within* encompassing communities, they ordinarily cut across multiple social settings, coordinating only certain kinds of activities and social relations within each setting (ZELIZER, 2011, p. 315).

Os circuitos, portanto, não são sinônimos de comunidades no sentido de relações sociais fechadas e abrangentes. Eles não diferenciam configurações sociais inteiras ou organizações. Na verdade, as mesmas pessoas podem participar de diferentes circuitos simultaneamente. As moedas locais, por exemplo, não constituem comunidades fechadas; as mesmas pessoas que participam de sistemas de moeda local costumam usar moeda de curso legal para uma grande variedade de transações fora desses sistemas.

A nosso ver, a ideia de circuito proposta por Zelizer carrega forte sentido econômico à medida em que remete a palavras como fluxo, transações, meios de troca, transferências etc. Ademais, embora não neguemos a relevância das relações pessoais de cunho mais intimista, o desenho institucional – que pode ou não exigir a presença do Estado - é fundamental na conformação do circuito.

De acordo com Zelizer (2011), as moedas locais apresentam uma particularidade precípua em relação a outros meios marcadores de circuito, tais como cupons de desconto, milhas aéreas, pontos de afinidade etc. O que as distingue é o fato de terem uma demarcação local geralmente baseada em identidades territoriais. Dito de outra forma, elas criam, ou baseiam-se, em espaços distintos de relações interpessoais (ibid., p. 319). Mais que isso, em sua maior parte surgem motivadas por uma descrença em relação às instituições monetárias nacionais e internacionais.

Fato que é que os circuitos variam de tamanho e de temática. Embora socialmente homogêneos, há circuitos que podem se restringir a idosos, a crianças, a firmas, a grupos étnicos ou a comunidades inteiras (ZELIZER, 2011; RADDON, 2003; PIERRET, 1999). Há, geralmente, uma delimitação dos tipos de bens e serviços consumidos. Há sistemas nos quais se insiste em produtos orgânicos e agricultura sustentável; outros preferem estimular a produção artesanal local; em áreas rurais, evidentemente, há primazia de bens agrícolas, enquanto em áreas urbanas serviços educacionais, artísticos, de consultorias diversas têm maior peso.

Com efeito, há circuitos nos quais se quer valorizar atividades de solidariedade, de participação comunitária ou de sustentabilidade ambiental. Nestes casos, de acordo com

Zelizer (2011), atribuem-se valores e preços de uma maneira valorativa e não somente permeada pelo cálculo econômico “racional”. Havendo espaço para a negociação, relações de afeto acabam pesando na determinação do preço. Uma mesma atividade, como mencionou a autora (ibid), pode ter distintos valores de acordo com a pessoa que a executa.

Neste sentido, o geógrafo Milton Santos (2006) aponta que a sociabilidade se reforça quanto maior for a proximidade. Para ele, a proximidade tem de ser definida para além de uma mera questão de distâncias. É uma questão de inter-relações sociais: espaço disputado por individualidades. A formação da consciência e interações de solidariedade, afetividade, identidades é possibilitada pela vizinhança. Mesmo em grandes cidades – abertas ao mundo – a “densidade social” das relações contíguas não perde importância. Ao contrário, há mais dinamismo, há mais interações. Tanto maior em cidades de países subdesenvolvidos, pois há menor “racionalidade” na máquina urbana. O intercâmbio efetivo entre pessoas é salutar, matriz das trocas simbólicas. A acumulação crescente de pessoas no mesmo espaço cria uma espécie de ebulição cultural, facilitada pela difusão de equipamentos técnicos e informacionais.

Por sua vez, as relações de proximidade social e espacial podem possibilitar a geração de capital social. Este termo é definido por autores como Putnam (1994), Pantoja (2002), Reid & Salmen (2002), Grootaert *et al* (2004) e Woolcock (1998) que afirmam que a participação dos indivíduos em grupos, redes e normas pode lhes facilitar a ação coletiva, melhorar normas de governança e propiciar empoderamento individual. Além disso, Putnam (1994) enfatiza que a existência de capital social possibilita o acesso das pessoas ao capital econômico, seja na forma de bens físicos ou imateriais, como conhecimento, informações etc.

Assim sendo, a ideia de circuito pode ser ampliada para além da análise do fluxo monetário incorporando também a densidade das relações sociais, os propósitos comunitários em comum e as relações de afeto e proximidade. Todavia, na próxima seção iremos nos concentrar na análise do circuito monetário e dos atributos econômicos do sistema *La Turuta*.

4. Análise do circuito da moeda La Turuta

Antes de tudo é importante mencionar que esta pesquisa contou com dois procedimentos principais. O primeiro deles constituiu-se em duas visitas à cidade de Vilanova i la Geltrú em Junho de 2017, que nos permitiram observar assembleias e observar

pagamentos feitos em turuta no comércio local. Além disso, aproveitamos a oportunidade para conversar com organizadores e coletar documentos com informações econômicas do sistema que serão arroladas mais adiante. O segundo procedimento baseou-se em questionários endereçados aos participantes da moeda *La Turuta*. As perguntas procuraram captar o perfil dos associados, assim como o fluxo da moeda, a variedade de bens e serviços ofertados, se houve um processo de encerramento espacial seletivo e se fatores como o desenvolvimento local, empoderamento comunitário e constituição de um circuito econômico foram efetivados.

Os links para os questionários foram divulgados na plataforma online da moeda *La Turuta* e em reuniões e outras mensagens internas do grupo. Neste particular, contamos com a ajuda de Ton Dalmau e Carme Dastis Alonso – organizadores chave da associação - que ajudaram na disseminação dos referidos questionários. Ao todo, foram coletadas 18 respostas de “pessoas físicas” e 4 de empresas, totalizando 22 respostas, ou seja, 6% do total de associados, de acordo com o último número que obtivemos (Maio de 2017). Esta porcentagem, entretanto, se eleva se considerarmos que em 2016 – último dado disponível - , apenas 77 associados fizeram intercâmbios, o que deslocaria nossa taxa de respostas para 28,6%. Para termos de referência, o estudo de Hirota (2017) sobre as ações de marketing em diferentes casos de moedas sociais conseguiu 23 respostas do sistema *La Turuta*, algo que perfazia 7,6% do total quando a pesquisa foi feita em 2015.

A pequena taxa de participação das pessoas no sistema de moeda local nos permite adiantar algumas conclusões como a de que tais organizações teriam muito mais características de proximidade e, portanto, um escopo bastante pequeno, o que dificulta um arranjo organizacional maior e mais complexo. O que de fato se viu em nossas visitas, seja participando de reuniões ou caminhando pela cidade juntamente com os organizadores, é que as relações de intimidade têm uma primazia sobre as relações impessoais (ZELIZER, 2011).

Procedamos agora à análise direta dos resultados da pesquisa. Por conveniência, excluiremos os resultados das empresas, dado que apenas 4 respostas são insuficientes para algum tipo de conclusão. Por outro lado, as 18 respostas de pessoas físicas já permitem alguma amostra deste universo.

Com relação ao perfil socioeconômico dos usuários, temos a seguinte configuração:

- Por volta de 60% responderam ser do sexo feminino, 34% do sexo masculino e 6% (apenas 1 pessoa) se enquadra como LGBT;

- A grande maioria (56%) participa da moeda La Turuta há mais de 5 anos;
- 44% responderam ter ensino superior e 33% pós-graduação, denotando um alto nível de capital humano entre os participantes;
- Ao mesmo tempo, 72% declararam ter emprego formal ou serem autônomos, enquanto 17% são aposentados e 11% desempregados;
- Apesar do elevado nível educacional, cerca de 67% dos respondentes afirmaram receber até 20 mil euros anuais, uma média baixa, se considerarmos que o PIB per capita da Catalunha gira em torno de 30 mil euros⁵.

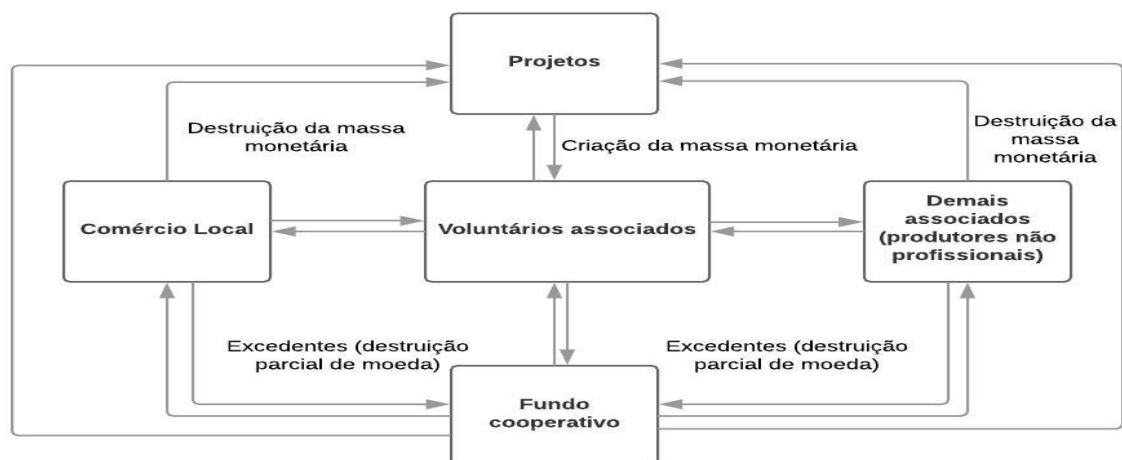
Agora, foquemos nas informações mais específicas quanto à circulação monetária e à atividade econômica do sistema.

A criação da massa monetária de Turutas dá-se a partir de projetos desenvolvidos em âmbito comunitário pela *Associació ECOL3VNG*. Tais projetos são decididos em assembleias dos membros da associação e basicamente consistem na recuperação de terras públicas para o plantio de hortifrutigranjeiros. Em suma, trata-se de promover os princípios norteadores da associação, quais sejam, a defesa de uma economia comunitária, pautada em princípios ecológicos e que logre recolocar parte do processo de reprodução da vida social e econômica sob o controle das demandas e princípios locais.

Basicamente, o empreendimento comunitário demanda a participação dos associados que se dispõem a trabalhar no plantio e depois na colheita, recebendo seu pagamento nesta moeda local. Para cada hora de trabalho, uma pessoa recebe 10 turutas, que são emitidas pela associação para remunerar essa atividade. Como vemos no organograma, é este mecanismo endógeno de criação de moeda o que irriga o sistema. A partir daí, os membros que receberam as turutas podem fazer suas compras de outros membros (artigos de segunda mão, artesanatos, produtos de empreendedores ainda não profissionalizados, produção caseira) e também dos estabelecimentos comerciais cadastrados no sistema.

⁵ De acordo com Institut d'Estadística de Catalunya (<https://www.idescat.cat/>), acesso em Maio de 2017.

Figura 2 - Forma esquemática do circuito monetário La Turuta



Fonte: Elaboração própria.

Com relação aos estabelecimentos comerciais, em nosso último acesso à plataforma online em Maio de 2018 foram contabilizados 70 participantes, nos seguintes segmentos: refeições, produção agrícola (quitandas ou hortas), academias, salões de estética e beleza, educação, lazer, vestuário, produtos de limpeza, serviços para animais, artesanato, assessoria fiscal, informática, construção/design, energia e transportes.

Por sua vez, o perfil da demanda dentro do circuito La Turuta está exposto na tabela abaixo, a qual é oriunda de nosso questionário que será explorado com mais por menores adiante:

Tabela 1 - Bens e serviços demandados na moeda social La Turuta (até 3 opções de resposta) (n=18)

Setores	Quantidade	Porcentagem
Artesanato	4	23,50%
Serviços de TI	3	17,60%
Produção agrícola e insumos alimentares	6	35,30%
Alimentos/Refeições	12	70,60%
Serviços de reparação geral	5	29,40%
Apoio à vizinhança	1	5,90%
Educação	1	1,50%
Comunicação	2	11,80%
Eletrodomésticos	2	11,80%
Sapatos e roupas	1	5,90%
Lazer e recreação	1	5,90%
Outros	3	17,60%

Fonte: Elaboração própria.

A demanda por produtos agrícolas tem um peso importante dentro do circuito, dada a própria natureza agroecológica do movimento La Turuta. Ademais, o perfil da demanda segue o esperado para uma pequena moeda social de cunho comunitário. Neste sentido é compreensível que as pessoas demandem serviços amparados em relações de vizinhança, tais como informática e educação. Em nossa visita à cidade, verificamos que alguns estabelecimentos comerciais aceitam a moeda – algo confirmado nos dados da plataforma online e do questionário. Neste caso, todos eram do setor de alimentação ou de produção artesanal local, o que explica o resultado da pesquisa. Segundo Ton Dalmau – um dos principais organizadores da moeda La Turuta - nos contou, um dos primeiros comércios a se agregar na rede La Turuta foi uma peixaria que acabou por ficar com excesso de turutas em suas mãos. Como não tinha como gastá-las, decidiu-se por oferecê-las como promoção para quem fosse comprar frutos do mar em euros. Isto seria, segundo Ton, um mecanismo de regulação monetária natural. Mas a nosso ver, isso também expõe o problema de uma moeda não oficial ou não embasada por uma grande organização que garanta sua demanda de modo a permitir a existência de um fluxo circular na economia.

Não há nenhum mecanismo oficial de câmbio em moeda oficial como no caso de bancos comunitários⁶, mas considera-se que 1 Turuta equivale a 1 euro. Entretanto, os membros do circuito podem fazer essas trocas livremente. Ademais, pode-se também adquirir turutas comprando-as com euros, os que irão para um fundo de microcrédito para projetos alinhados aos ideais do sistema turuta.

Outro ponto importante é a existência de um fundo cooperativo, que é composto dos excedentes de turutas acumulados pelos participantes. Considera-se como valor limite a guardar para transações correntes o total de 300 turutas; ultrapassando este valor, aconselha-se às pessoas que depositem seus excedentes no referido fundo. Este por sua vez cumprirá a função de financiar projetos e de reabastecer os participantes quando necessitarem de mais turutas. Este fundo, segundo os organizadores, regula a quantidade de moeda no sistema e, ao retornar parte da massa monetária gerada aos projetos iniciadores, acaba por ser um mecanismo parcial de destruição monetária.

⁶ Os bancos comunitários são o principal modelo de moedas sociais existente no Brasil. Basicamente, tais bancos operam como instituições de microcrédito, oferecendo empréstimos tanto em reais como em moeda local. Para cumprir a legislação do Banco Central (Nota-Jurídica PGBC-5927/2011, de 29 de julho de 2011) sobre o tema, a moeda social tem de ter uma conversão em reais no valor de um para um e os bancos comunitários acabam armazenando reais como uma forma de lastro que permite as operações de crédito.

Além disso, a destruição de moeda também se dá quando os projetos comunitários vendem seus produtos, que vão desde castanhas a legumes, passando por frutas e outros tipos de vegetais, recebendo turutas. Assim sendo, boa parte da moeda gerada retorna aos projetos iniciadores do circuito.

Vale observar que o pequeno tamanho do sistema de certa forma dificulta qualquer analogia com o modelo do circuito monetário de uma economia capitalista com um sistema monetário e financeiro complexo. A este respeito, os números são esclarecedores. Segundo o documento *Radiografia de La Turuta*, em maio de 2017 eram 367 associados, sendo os ofertantes profissionais (comércios) 39⁷, cerca de 10% do total, perfazendo um montante de \$48.986,00 turutas nas mãos dos associados. No mesmo mês, o total de turutas intercambiadas foi de \$3.803,00 para um total de 203 intercâmbios, uma média de \$18,73 turutas por transação, com uma média de menos de sete trocas por dia.

Abaixo seguem os indicadores de evolução da moeda turuta desde 2011 até 2016, organizados anualmente.

Tabela 2 - Indicadores de evolução da moeda La Turuta

	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Associados	61	182	240	300	340	353
Saldo total de turutas no sistema	3.613,90	13.526	21.351	30.175	41.681	49.680
Quantidade de intercâmbios	575	1368	2375	2285	1972	1145
Quantidade de turutas transacionadas	6.517,50	21.415	30.150	26.693	24.254	13.307
Associados que intercambiaram	45	97	112	130	116	77
Número de estabelecimentos profissionais	10	17	30	35	34	37

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do documento *Radiografia de La Turuta*

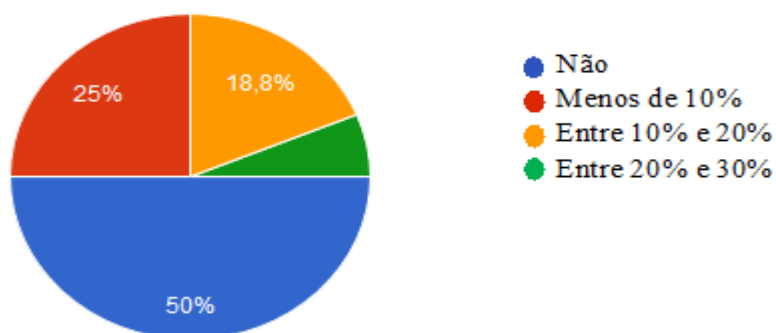
Pode-se observar que houve um crescimento significativo em praticamente todos os indicadores, como por exemplo o número de associados crescendo aproximadamente 6 vezes e o saldo total de turutas no sistema elevando-se cerca de 12 vezes. Todavia é importante

⁷ Este número diz respeito aos estabelecimentos cadastrados e que, portanto, aparecem de forma constante no sistema. Os dados da tabela por sua vez, incluem uma fotografia do mês de maio de 2018, o que inclui ofertas esporádicas.

frisar que o número de associados que realizou transações atingiu seu pico em 2014 (130) e chegou a 2016 com 77. Processo semelhante verificou-se na quantidade de intercâmbios que chegou a 2.375 em 2013 e terminou a série em 1.145. Uma queda significativa de 52%.

Se insistirmos em outros indicadores econômicos, reforçaremos as tendências verificadas até aqui. Metade dos respondentes afirmaram que a moeda não trouxe aumento em sua produção ou serviço⁸, enquanto 25% escolheram a opção “menos de 10%”. Restam outros 25% que presenciaram algum aumento em sua atividade.

Gráfico 1 - Houve aumento de sua produção/venda/serviço desde que ingressou na moeda local? (n = 16)



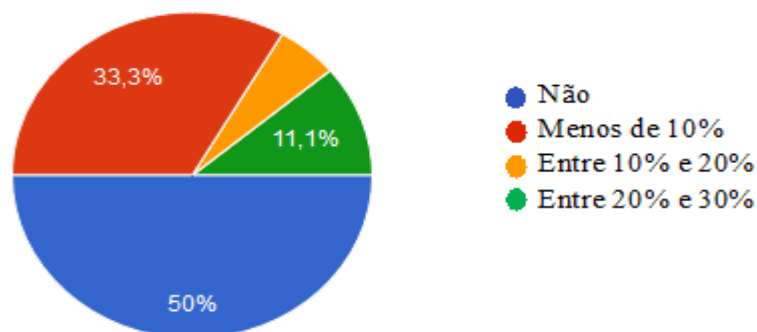
Fonte: Elaboração própria.

Isto provavelmente se deve ao fato de a moeda permitir a atividade de “prossumidores”; assim sendo, um professor pode oferecer aulas de apoio a seus companheiros da moeda turuta, aumentando assim sua atividade. Mas é claro, que alguns estabelecimentos comerciais podem ter aumentado suas vendas, mas nos falta um estudo mais detalhado para isso.

Adicionalmente, a grande maioria das pessoas (83,3%) não percebeu nenhum aumento em seu poder de compra, ou percebeu um de menos de 10% com o ingresso na rede La Turuta.

⁸ Vale lembrar que se trata de uma moeda que circula em empresas e também para pessoas físicas. Estas por sua vez, podem tornar-se “prossumidores”, ou seja, produzirem bens ou serviços no circuito. Por isso a pergunta é abrangente neste sentido.

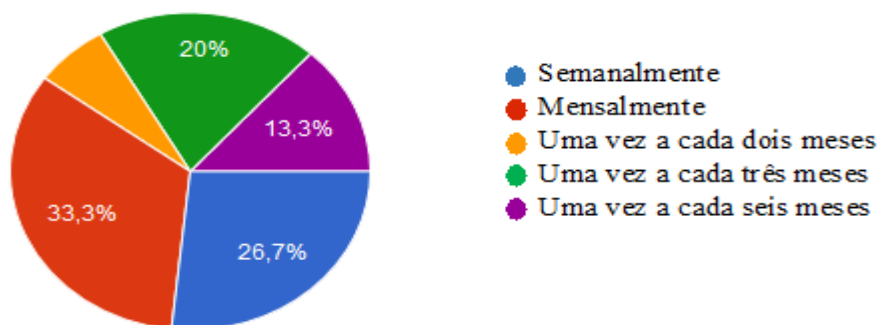
Gráfico 2 - Percebeu algum aumento de poder de compra após juntar-se ao sistema de moeda La Turuta? (n = 18)



Fonte: Elaboração própria.

Possivelmente, o baixo impacto econômico está associado a alguma deficiência no circuito monetário e, conjuntamente, ao fluxo circular da atividade econômica, conforme se depreende do gráfico em sequência:

Gráfico 3 - Com qual frequência utiliza turutas para transações? (n = 18)



Fonte: Elaboração própria.

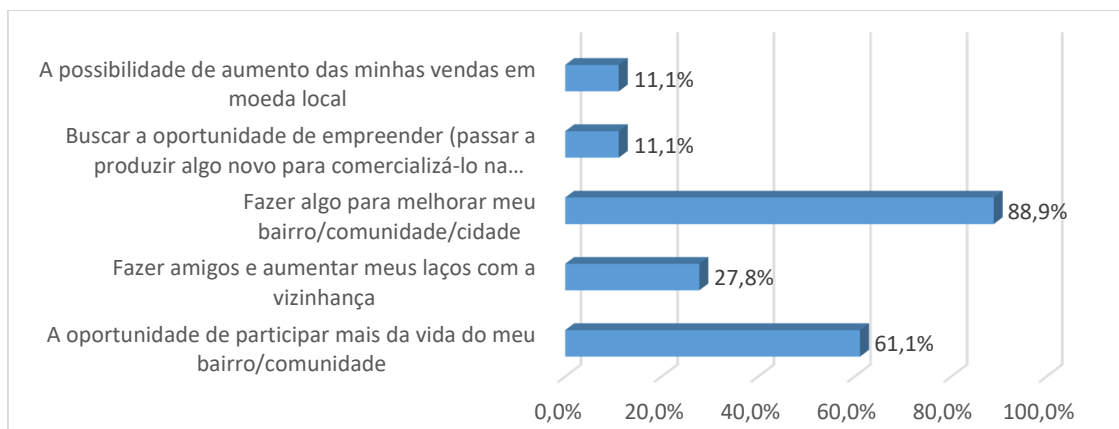
Como vemos, apenas 26,7% das pessoas utilizam a moeda turuta semanalmente enquanto que, num outro extremo, 40% a utilizam em uma frequência superior a dois meses. É possível inferir, portanto, que a moeda turuta tem problemas em efetivar-se como um circuito próprio. Há poucas pessoas engajadas, uma circulação pouco frequente e, portanto, baixo impacto econômico. O próprio tamanho do sistema e a tendência de queda no volume de transações parece indicar problemas do ponto de vista da organização econômica.

Todavia, podemos afirmar que outros esquemas de moedas locais padecem da mesma dificuldade. Sendo circuitos pequenos, exercem pouco impacto econômico nas localidades onde se inserem. Entretanto, na própria seção veremos que a *La Turuta* efetiva-se como um circuito de interações sociais e gera impactos sociais de destaque entre seus associados.

5. Participação social e desenvolvimento comunitário na moeda La Turuta

Se, por um lado, o pequeno tamanho do circuito La Turuta inibe seu alcance econômico, por outro denota ganhos em comprometimento ou participação como os resultados do gráfico 4 demonstram:

Gráfico 4 - O que te motiva a participar da moeda La Turuta (pode-se escolher até 3 respostas) (n = 18)

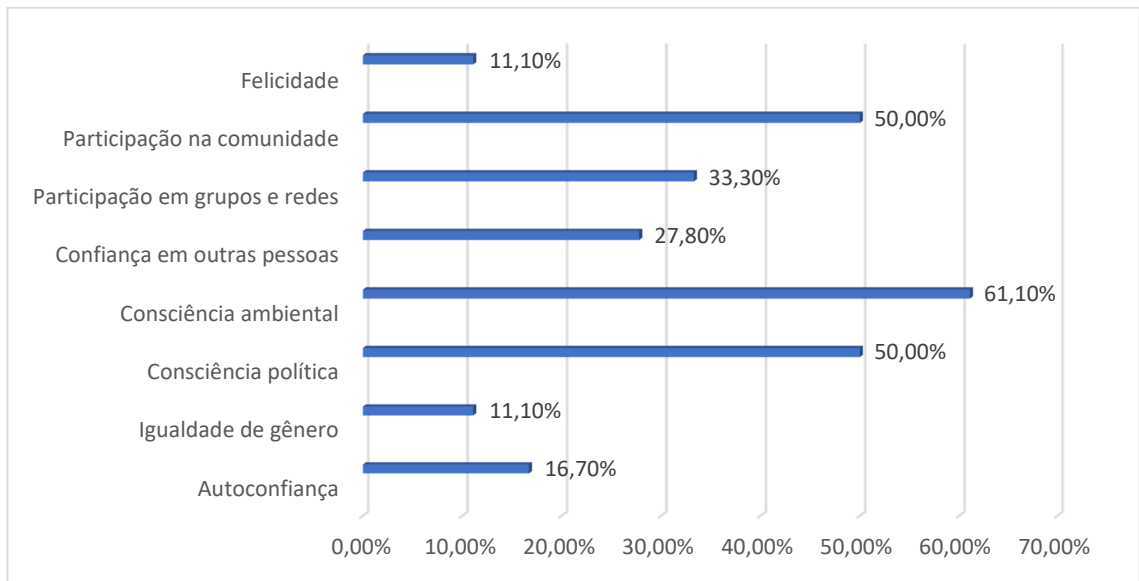


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Com efeito, percebe-se um engajamento comunitário considerável já que 61% dos entrevistados demonstraram o desejo de estarem mais ativos na comunidade/bairro/cidade e 89% participam da moeda local com o intuito de melhorar o seu entorno. Uma minoria alegou motivos mais “econômicos” como aumentar as vendas e buscar a oportunidade de empreender. Isto tende a confirmar uma das hipóteses lançadas por Aldridge e Patterson (2002) de que os esquemas de moedas locais já contêm previamente um elevado nível de coesão social entre seus membros fundadores. Por esse motivo, eles funcionariam relativamente bem em pequena escala, mas seriam inócuos – principalmente em termos de inclusão financeira, social e desenvolvimento local - quando se trata de grupos populacionais maiores e mais heterogêneos. Isto ocorreria porque os membros originais já devem partir com a capacidade de mobilizar recursos financeiros e o capital social existente na comunidade.

Mesmo assim, não se deve menosprezar o papel educativo e de empoderamento social que a moeda La Turuta promoveu entre os membros participantes. Como podemos ver no gráfico 5.

Gráfico 5 - Sentimentos e valores criados ou aumentados a partir da participação na moeda La Turuta (n = 18)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Pantoja (2002), Reid & Salmen (2002) e Grootaert et al (2004) propõem seis dimensões para o capital social, a saber: a) participação em grupos e redes; b) relações de confiança e solidariedade; c) ação coletiva e cooperação; d) acesso à informação e à comunicação; e) coesão social e inclusão; e f) empoderamento e ação política. A moeda social La Turuta parece propiciar o aumento de todas elas, mesmo que seja feito a partir de uma base criada previamente. Os resultados do gráfico indicam este movimento de aumento da consciência política, ambiental, de participação comunitária, de igualdade de gênero (reforçado pela elevada participação de mulheres entre os associados), de felicidade etc. Entretanto, seria preciso uma pesquisa mais aprofundada sobre a relação entre moedas sociais e capital social para detalhar ainda mais estes aspectos e, sobretudo, para verificar se o acúmulo de capital social pode impulsionar ainda mais o desenvolvimento local através da redução dos custos de transação pelo efeito de redes de proximidade (GROOTAERT et al, 2004). De qualquer maneira, esta visão preliminar dá indicações neste sentido.

Ademais, tais resultados nos trazem a percepção de que a moeda social também permitiu a construção de um circuito no sentido zelizeriano do termo. Isto é, o de que valores e sentimentos morais compartilhados fazem parte do cimento de um circuito. E neste sentido, as moedas locais acabam por contribuir nesta construção (ZELIZER, 2011).

6. Considerações finais

Nosso intuito, neste trabalho, foi descrever o circuito da moeda social *La Turuta* tanto em termos econômicos como sociais. Para isso, desenvolvemos um arcabouço teórico baseado na teoria do circuito monetário (ROCHON, 2003; REALFONZO, 2006; GRAZIANI, 2013) e na descrição do fluxo circular da vida econômica trazido à luz por Schumpeter (2014) e Mann (2014). Tal recorte analítico nos permitiu destrinchar indicadores tais como volume e frequência de transações, total da base monetária criada, variedade de bens e serviços intercambiados e impactos da circulação monetária sobre a renda e a produção. Ao mesmo tempo, tomamos emprestada a categorização de circuitos comerciais elaborada pela socióloga Viviana Zelizer (2011) para verificar se a moeda social logrou constituir um circuito de interações sociais em que as pessoas partilham de valores e sentimentos em comum. Ainda neste universo, procuramos estabelecer uma definição genérica sobre o conceito de capital social (PUTNAM, 1994; PANTOJA, 2002; REID & SALMEN, 2002; GROOTAERT *et al*, 2004; e WOOLCOCK, 1998), para averiguar se a circulação da moeda *La Turuta* propiciou algum impacto neste sentido.

A partir disso, concluímos que a moeda *La Turuta* tem problemas em efetivar-se como um circuito próprio. Há poucas pessoas engajadas, uma circulação pouco frequente e, portanto, baixo impacto econômico. Por sua vez, trata-se de um empreendimento solidário que possibilitou o aumento de algumas dimensões de capital social entre seus membros, além de colocar em pauta questões de identidade territorial e preocupação ambiental. Apesar de ser uma moeda que circula entre estabelecimentos comerciais – o que denota, também, uma preocupação econômica de desenvolvimento local –, ela acaba exercendo funções específicas de propiciar o aprofundamento de relações sociais intracomunitárias (ZELIZER, 2011, 1989; INGHAM, 1996) e abrir os olhos – num sentido educativo (HART, 2006) – das pessoas quanto a temas de economia solidária, meio ambiente, entre outros. Algo que a maioria das moedas complementares, imbricadas que estão nas relações sociais (POLANYI, 1957; RIGO, 2014) geralmente efetua.

7. Referências bibliográficas

ALDRIDGE, T.; PATTERSON, A. LETS get real: Constraints on the development of local exchange trading schemes. *Area*, 34(4), 2002, 370–381.

DALMAU, T; DASTIS, C. La Turuta: moneda social y ciudadana. **IV International Conference on Social and Complementary Currencies: Money, Consciousness and Values for Social Change**, 2017.

GRAZIANI, A. **The Monetary Theory of Production**. New York: Cambridge University Press, 2003.

GROOTAERT, C; BASTELAER T. V., eds. **Understanding and Measuring Social Capital: A Multidisciplinary Tool for Practitioners**. Washington D.C.: 2002b World Bank.

GROOTAERT, C; NARAYAN, D; NYHAN, V; WOOLCOCK, J. M. Measuring Social Capital: An Integrated Questionnaire. **World Bank working paper**; no. 18, 2004.

HART, Keith (2006). **Building Economic Democracy with Community Currencies**. Disponível em <http://thememorybank.co.uk/papers/common-wealth/>. Acesso em Julho de 2016.

HIROTA, Y. **Monedas sociales y complementarias (MSCs): Sus valores socioeconómicos para distintos stakeholders**. 2017, 388 f.. Tese (Doutorado em Economia Social), Institut Universitari d'Investigació em Economia Social, Cooperativisme i Emprenedoria, Universidade de Valência, Valência, 2017.

INGHAM, Geoffrey. Money is a social relation. **Review of Social Economy**, vol. 54, n. 4, pp. 507-529, 1996.

INGHAM, Geoffrey. **The Nature of Money**. Cambridge: Polity Press, 2004.

KNAPP, G.F., [1924]1973. **The State Theory of Money**, Clifton, NY: Augustus M. Kelley, 1973.

MANN, F. K. Orientation. In: SCHUMPETER, Joseph Alois. **Treatise on money**. Aalten, NL: Wordbridge publishing, 2014.

PANTOJA, E. Exploring the Concept of Social Capital and its Relevance for Community-based Development: The Case of Coal Mining Areas in Orissa, India. Social Capital Initiative, **World Bank**, Working Paper No. 18, March 2000.

PIERRET, D. Cercles d'échanges, cercles vertueux de la solidarite: Le cas de l'Allemagne. **International Journal of Community Currency Research**, 1999.

POLANYI, K. "The economy as Instituted Process", in K. Polanyi, C.M. Arensberg and H. W. Pearson (eds), **Trade and market in the Early Empire. Economies in History and Theory**, Free Press, New York: 1957, pp. 243 – 270, <http://web.mit.edu/arnico/Public/PristaDocs/Polanyi%20readings.pdf>.

PUTNAM, R. D. Social Capital and Public Affairs. **Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences**, Vol. 47, No. 8, May 1994, pp. 5-19.

RADDON, Mary-Beth. **Community and Money: Caring, Gift-Giving, and Women in a Social Economy**. Montreal: Black Rose Books, 2003.

REALFONZO, R. French circuit theory. In: ARESTIS, Phillips; SAWYER, Malcolm (org). **A handbook of alternative monetary economics**. Cheltenham, UK, Northampton USA, pp. 105-120, 2006.

REID, C.; SALMEN, L. Understanding Social Capital. Agricultural Extension in Mali: Trust and Social Cohesion. Social Capital Initiative, **World Bank**, Working Paper No. 22, June 2000.

RIGO, Ariadne Scalfoni. **Moedas sociais e bancos comunitários no Brasil: aplicações e implicações, teóricas e práticas**. 2014. 339f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ROCHON, Louis-Philippe. On money and endogenous money: post-keynesian and circulation approaches. In: ROCHON, L.P.;ROSSI, S. **Modern theories of money: the nature and role of money in capitalist economies**. Northampton: Elgar, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Treatise on money**. Aalten, NL: Wordbridge publishing, 2014.

SOARES, Cláudia L.B. Moeda social. In: CATTANI, Antonio D. *et al.* **Dicionário internacional da outra economia**. 1.ed. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p.255-259.

WOOLCOCK, M. Social capital and economic development: Toward a theoretical synthesis and policy framework. **Theory and Society**. 27:151-208, 1998.

WRAY, L. R. Conclusion: The Credit Money and State Money Approaches. In WRAY, L. Randall. **Credit and State Theories of Money: the contributions of A. Mitchell Innes**. Cheltenham, UK and Northampton, MA, USA: Edward Elgar, 2004.

ZELIZER, V.A. **Economic lives: how culture shapes the economy**. New Jersey: Princeton University Press, 2011.